



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU: diálogo teórico-prático entre as religiões afro-brasileiras

*Esp. F. Rivas Neto<sup>1</sup>*

**Resumo:** as religiões afro-brasileiras passaram e ainda passam por processos de reelaboração e adaptação oriundos do contato e da relação entre as três matrizes formadoras, quais sejam, africana, indígena e indo-europeia. Assim, discutem-se as relações entre escolas de diferentes grupos, como umbanda branca e omolocô com as encantarias e o candomblé.

---

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Esp. F. Rivas Neto*

**Palavras-chave:** religiões afro-brasileiras; matrizes formadoras; umbanda; candomblé; encantaria.

**Abstract:** the Afro-Brazilian religions have gone and still goes through processes of elaboration and adaptation derived from contact and relation between the three formation roots: African, Indigenous, and Indo-European. Therefore, the relations between schools of different groups are discussed, like Umbanda Branca and Omolocô with Encantarias and Candomblé.

**Keywords:** Afro-Brazilian religions; formation roots; Umbanda; Candomblé; Encantaria.

Dedicamos nosso segundo texto do ano para iniciar algumas discussões sobre as religiões afro-brasileiras, sua formação e composição, bem como sobre os processos de reelaboração e adaptação sofridos a partir dos vários contatos religiosos ocorridos no Brasil desde o século XV.

Basicamente, as religiões afro-brasileiras são formadas pelos componentes ameríndios, africanos e indo-europeus. Destacamos, porém, que, ao falarmos nas contribuições europeias,

*Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...*

estas foram em sua grande maioria de católicos. Posteriormente, as religiões afro-brasileiras sofreram influências de elementos, judaicos, budistas, islâmicos, kardecistas, entre outros.

Na atualidade, segundo nossa abordagem, entendemos que basicamente temos 3 grandes conjuntos nas religiões afro-brasileiras: o primeiro sendo composto pelas umbandas, o segundo pelas encantarias e o terceiro pelo culto de nação africano (candomblé ketu, jeje e angola-congo). O que ocorre é que estes conjuntos não são estanques nem se colocam como intocados, ao contrário, há poros que possibilitam que tais conjuntos dialoguem, sem com isso perder a identidade de cada um deles.

A título de explanação colocamos dois diagramas abaixo:

**1º Diagrama: 3 grandes conjuntos das religiões afro-brasileiras**

“Umbandas” (Conjunto 1) ↔ “Encantarias” (Conjunto 2) ↔ Culto de Nação Africano (Conjunto 3)

As “encantarias” fazem a conexão entre as várias “umbandas” (dentre as quais citamos algumas: umbanda branca,

*Esp. F. Rivas Neto*

umbanda mista, umbanda cristã, umbanda mística, umbanda esotérica, umbanda oriental, umbanda traçada ou omolocô) com o culto de nação africano.

## **2º Diagrama: diálogo entre o conjunto “umbandas” e o conjunto culto de nação africano**

Este diagrama demonstra a relação entre as “umbandas” e o culto de nação africano, apontando quais escolas afro-brasileiras fazem a interface que possibilita o diálogo entre o Conjunto 1 e o Conjunto 3:

“Umbandas” (Conjunto 1) ↔ Umbanda traçada ↔ Candomblé de Caboclo ↔ Culto de Nação Africano (Conjunto 3)

A umbanda traçada ou omolocô é o reduto avançado das “umbandas” e procura fazer uma ponte com o culto de nação já que possui elementos significativos para este último. Da mesma forma, o candomblé de caboclo é o reduto avançado do culto de nação africano em sentido oposto. A umbanda traçada ou omolocô dá ênfase ao caboclo (o «Orixá» do Brasil),

*Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...*

mas já cultua os Orixás. Já o candomblé de caboclo dá ênfase ao culto dos Orixás, mas os caboclos também são cultuados, em segundo plano.

O que observamos é que essas duas escolas afro-brasileiras: umbanda traçada ou omolocô e o candomblé de caboclo são interfaces entre os conjuntos “umbandas” e culto de nação africano. Isso só demonstra que há um trânsito entre as várias escolas afro-brasileiras e que, naturalmente, a própria dinâmica religiosa se estrutura de forma a ajustar as múltiplas crenças e práticas.

Ao fundarmos a Faculdade de Teologia Umbandista, há uma década, tínhamos esse processo em mente. Fomos incompreendidos na época porque havíamos passado 18 anos na umbanda esotérica e, por isso, as pessoas nos questionavam como poderíamos montar uma faculdade sobre umbanda com apenas o viés da umbanda esotérica. A grande questão é que nossa bagagem ritualística não era proveniente apenas da umbanda esotérica, ao contrário, esta foi uma das nossas últimas passagens da Iniciação. Utilizamos o nome umbanda para fundar a Faculdade de Teologia Umbandista porque é uma das escolas afro-brasileiras menos preconceituadas e possui um histórico de ser a religião brasileira. Para isso, em 2000 iniciamos um

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Esp. F. Rivas Neto*

projeto em nossa Casa de Fundamentos que visava à realização de “sete tipos de rituais” em que privilegiávamos as várias umbandas e suas interfaces com outras religiões afro-brasileiras. Foi um processo no interior de nossa Casa, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, e que culminou com a FTU.

Tal clareza nesta ação foi conquistada em função dos vários anos de pesquisas sobre este campo religioso e principalmente de décadas como sacerdote percorrendo e vivenciando em profundidade os 3 grandes conjuntos citados. Assim, nosso objetivo com a fundação da FTU (a primeira e única faculdade de Teologia afro-brasileira autorizada e credenciada pelo MEC) era dar visibilidade às religiões afro-brasileiras, fazer com que tivéssemos isonomia perante outros setores, criar e fortificar uma teologia voltada para o universo afro-brasileiro e fazer com que os alunos da instituição estivessem em contato com essa realidade de trânsito religioso afro-brasileiro. Muitas vezes, a dinâmica religiosa se encarrega de demonstrar que as escolas afro-brasileiras não são sectárias e fechadas. Mas quisemos discutir isso de uma outra lente, a acadêmica, fazendo com que, por meio da educação, os adeptos, simpatizantes e estudiosos das religiões afro-brasileiras se aprofundassem com um universo em que o trânsito religioso torna-se explícito.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...*

Isso só foi possível porque no sacerdócio vivenciamos as tradições provenientes em primeiro lugar (historicamente) do culto de nação africano, passando pelas várias “encantarias” e chegando às “umbandas”, porque, mesmo quando fomos viver a umbanda, não encontramos apenas uma forma de fazê-la. Ou seja, a fundação da FTU só foi possível porque possuíamos um histórico de contato e vivência com várias tradições. Ninguém pode falar, imagine então ensinar, de caminhos que não tenha percorrido.

Nesse sentido, esperamos que os leitores do blog entendam que a fundação da FTU sempre esteve envolta em princípios muito maiores e bastante estruturados. Princípios espirituais por fazer grassar e disseminar as várias tradições espirituais afro-brasileiras. Princípios culturais e sociais por valorizar o senso de pertença e identidade dessas comunidades religiosas. Princípios políticos e econômicos por permitir, por meio de educação de qualidade, que muitos adeptos e simpatizantes afro-brasileiros conquistassem uma formação de ensino superior, muitas vezes com bolsas integrais durante os quatro anos do bacharelado, e conseguissem, por consequência, melhores condições de trabalho e qualidade de vida.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Esp. F. Rivas Neto*

Nas próximas publicações daremos continuidade à discussão sobre as escolas afro-brasileiras e as interfaces existentes entre elas. Axé!

*7 de janeiro de 2013.*

▪